

A Análise com Crianças¹

Lenilda Estanislau Soares de Almeida²

Resumo

O presente artigo descreve o início da Psicanálise com crianças, seu desenvolvimento e sua especificidade, a partir de observações feitas por Freud sobre uma criança de cinco (05) anos e de sessões de análise com crianças, que foram acompanhadas por Hermine Hug-Hellmuth, Anna Freud e Melanie Klein. O atendimento psicanalítico com crianças inicia-se, como veremos, como um método de interpretação com influência pedagógica direta, evoluindo para o estudo da fantasia inconsciente da criança, cujo instrumento é a interpretação, desta feita, da expressão simbólica.

Um artigo sobre a fobia de um menino de cinco anos, publicado em 1906, foi a primeira tentativa de tratar uma criança por meio analítico. O pai do pequeno Hans fora analisado por Freud e a este confiava todos os dados sobre a criança, pois estava familiarizado com os pontos de vista de Freud, lia seus artigos e tentava pô-los em prática com a orientação de Freud.

Após relatar a história da criança e de sua doença, o pai apresentou sucessivos e pormenorizados informes sobre ela. A partir desse relato, Freud sugeriu quais as interpretações que o pai devia dar à criança. Ele não atendeu a criança, só a viu uma única vez. Disse que “só porque a autoridade de um pai e a de um médico se uniam numa só pessoa, e porque nela se combinava o carinho afetivo com o interesse científico, é que se pôde neste único exemplo, aplicar o método em uma utilização para o qual ele próprio não se teria prestado, fossem as coisas diferentes”. (FREUD, 15 – 1909).

Este caso assinalou um marco no desenvolvimento da psicanálise. Contribuiu para que Freud desse prosseguimento a sua teoria sobre as fases regulares do desenvolvimento emocional da criança. Até então, estes pontos de vista tinham-se baseado na observação clínica, isto é, em reconstruções de eventos traumáticos na análise de adultos. O pequeno Hans proporcionou a primeira confirmação direta dessas reconstruções. As respostas favoráveis da criança às interpretações que lhe foram dadas pelo pai mostram a possibilidade da terapia psicanalítica para as crianças.

Enquanto Freud, em 1906, presumia que esses efeitos terapêuticos só poderiam ser alcançados se o analista e o pai fossem a mesma pessoa, o desenvolvimento ulterior da psicanálise com crianças tem demonstrado que essa identidade constitui um entrave: a análise da criança por um de seus pais afigura-se não recomendável.

Foi em 1918 que Hermine Hug-Hellmuth iniciou os primeiros passos rumo à análise com crianças. Ela visitava crianças em seus lares a fim de observá-las, enquanto participava de suas atividades lúdicas. Em seu método, a interpretação do material inconsciente combinava-se com a influência pedagógica direta.

Só posteriormente é que a técnica da análise com crianças eliminou o ponto de vista não-analítico. Desenvolveram-se duas posições principais, baseadas nos trabalhos de Melanie Klein e Anna Freud, havendo ambas iniciado a análise de crianças no início de 1920.

O interesse de Melanie Klein centraliza-se em torno da vida de fantasia inconsciente da criança. Seu instrumento é a interpretação da expressão simbólica. As interpretações do papel e da ação do criança são dadas diretamente à criança, e mesmo na primeira entrevista com ela são dadas as mais profundas interpretações. Melanie dá pouca importância à realidade na qual vive a criança, não necessitando das informações dos pais, que, segundo ela, são distorcidas pelos próprios conflitos inconscientes deles.

¹ Trabalho apresentado na I Jornada interna do GPAL em Julho/2001.

² Psicóloga e Psicanalista do GPAL.

A Análise com Crianças

Anna Freud, por sua vez, dirigiu seu interesse no sentido da compreensão da personalidade da criança tal como é revelada pelos padrões e conflitos reais do seu ego. Trabalha com desenhos e verbalizações da criança como Melanie Klein. O material avaliado abrange fantasias, sonhos, fabulações e experiências diárias. Mas nenhuma análise com crianças é realizada sem apoio dos pais, dado através de informes regulares sobre o comportamento da criança na escola e no lar. Esses dados são como fontes de informações e não de interpretação direta como no caso do pequeno Hans. Anna Freud compreende que essas informações são distorcidas pelos conflitos inconscientes dos pais, mas ela presume que as reações da criança são determinadas por esses conflitos, considerando os informes dos pais valiosos. Ela observa as defesas que o ego estabelece contra os impulsos instintivos, e essas defesas são estudadas nas reações diárias da criança ao seu ambiente – no consultório de análise, no lar e na escola. Depois que a interpretação analítica permitiu à criança compreender o mecanismo que ela utiliza como defesa, o material inconsciente torna-se acessível.

A análise de crianças é, em quase todos os pontos, mais complexa que a análise de adultos. O primeiro passo, a questão da indicação do tratamento, já implica fatores especiais. Precisamos saber se os sintomas da criança podem ser eliminados pela orientação educacional ou paterna, ou pelo próprio amadurecimento. Quando isso não é possível, justifica-se a análise

Um fator de grande importância para a análise com crianças é a cooperação dos pais. Sabe-se que o paciente adulto continua a vir às sessões mesmo durante uma resistência, mas não se pode esperar uma atitude semelhante de uma criança. Os pais devem manter a regularidade das sessões. Esta ajuda é essencial, como também seus informes regulares através de entrevistas. Devemos ter em mente as dificuldades que eles têm de enfrentar quando levam uma criança à análise. A tensão emocional é

especialmente grande na mãe, geralmente é muito penoso que parentes e vizinhos observem os sintomas de seu filho, que representam uma prova de fracasso por parte dela.

Durante o processo analítico, os pais devem suportar as relações cada vez mais estreitas da criança com o analista. A criança começa a confiar seus segredos e dar sua afeição ao analista, podendo deixar os pais se sentirem excluídos, intensificando o ciúme. Frequentemente a criança se sente culpada da transferência de suas emoções para um “estranho”.

Um outro aspecto importante no decurso do tratamento é que devemos preparar os pais para o fato de que, nas nossas conversas com a criança, deveremos ter liberdade de abordar qualquer tema que possa estar relacionado com ela, tais como: sexo e religião. Hoje já não se fala no mito da cegonha mas, às vezes, explicações com muitos termos científicos servem para excluir material associativo, e a explicação exerce o efeito de transmitir o tabu. Observamos que, em cada caso, a verdade é obscurecida justamente onde aparecem as dificuldades dos pais.

Se não preparamos os pais para nossas conversas sobre esses temas-tabus com a criança, pode acontecer que os pais fiquem ressentidos com a franqueza que deve ser adotada no tratamento analítico.

Os pais, geralmente, procuram o analista em situações de ajuda, este se sente tentado a atuar como um orientador e a aconselhá-los sobre como melhorar o comportamento deles em relação à criança, modificações no lar ou na escola. O analista deve, na medida do possível, abster-se de agir dessa forma, porque o objetivo, no momento, é observar e compreender como se desenvolveram os sintomas e o caráter da criança. No decorrer do tratamento, quando o analista tiver aprendido como a criança avalia a situação em que vive, ele poderá, juntamente com ela, procurar influir sobre a aludida situação.

A importância da cooperação dos pais decresce à medida que a criança cresce. Quanto maior a aceitação, por parte

da criança, de seus sintomas, mais a análise de crianças poderá aproximar-se da análise de adultos.

A condição de verbalizar tudo que lhe vem à mente não pode ser exigida à criança, nem podemos esperar que ela aceite a posição de descanso no divã. Após ter-se reduzido a intensidade dos temores da criança e após alguns mecanismos defensivos terem se revelado, é que a criança fala de seus "segredos", tais como suas atividades masturbatórias. A análise dos segredos conscientes da criança, de suas atividades masturbatórias, destina-se a conduzir a conversa sobre as fantasias recalçadas de fases anteriores da masturbação da criança, como fantasias de incesto e parricídio.

Temos outras fontes para a informação. Várias formas de jogo revelam muitas coisas ao analista, e mesmo os passatempos que dão pouco campo à imaginação vêm a ser úteis. As interpretações que surgirão no decorrer dessas várias formas de jogo devem ser proporcionadas cuidadosamente, visto que as crianças não expressam seus desejos e hostilidades instintivos somente por palavras, mas em ações imediatas: ação contra a pessoa e os pertences do analista. Se o analista não conseguir verbalizar os desejos da criança e interpretá-los no momento exato, corre o risco de ter seu consultório danificado.

Durante algum tempo, houve certa tendência para supor que o tratamento das crianças seria relativamente curto, uma vez que perturbações infantis são de origem recente. Viu-se que não é verdade, pelo fato de que os mecanismos de defesa que o processo analítico procura eliminar são acentuados na criança no período de latência. O temor à castração e todos os seus derivados são experimentados pela criança da mesma forma que o adulto experimenta um perigo real.

Quando pensei em escrever sobre A Análise com Crianças, meu objetivo foi possibilitar a discussão do tema a partir da clínica psicanalítica. Vi-me diante de opiniões de vários estudiosos

sobre a psicanálise com criança e sabemos da importância dos mesmos dentro desse campo de estudo. Mas também pude trazer de minha própria experiência clínica observações pertinentes ao tema. Nas cinco primeiras lições de psicanálise, proferidas por Freud, para um público leigo, mas interessado na nova ciência, fica explícito o papel fundamental da sexualidade infantil. E essa descoberta só foi possível através das análises de seus pacientes e, sobretudo, sobre a análise do pequeno Hans, na qual Freud obteve ricas informações para a elaboração de sua teoria psicanalítica.

Referências Bibliográficas

Freud, A. (1978). *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Freud, S. (1909). *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Obras Completas, ESB, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ (1909). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, Obras completas, ESB, Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Klein, M – Kris, M – Lorard, S – Glover, E – Oberndorf, C.P- Ames, T.A – Broadwin, I.T. (1970). *A Psicanálise de Hoje*. Rio de Janeiro: Imago.

Lebovici, S. & Diatkine, R. (1988). *Significado e Função de Brinquedo na Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.